

PEQUENAS ESTRELAS DO *INSTAGRAM*: A EROTIZAÇÃO DE MENINAS EM UMA REDE SOCIAL

LITTLE STARS OF *INSTAGRAM*: THE EROTIZATION OF
GIRLS IN A SOCIAL NETWORK

Janaina Wazlawick Muller *janainaw@feevale.br*

Mestranda em Processos e Manifestações Culturais na
Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
Bolsista CAPES.

Saraí Patrícia Schmidt *saraischmidt@feevale.br*

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil).
Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir o processo de erotização de meninas na rede social *Instagram*, levando em conta a construção da infância feminina e a influência dos discursos hegemônicos que definem e estabilizam gênero e corpo. Para tanto, o estudo utiliza-se de três perfis da rede social citada, pertencentes a três meninas, com idades entre 15 e 16 anos, e que são conhecidas na mídia: Vitória Moraes, Giovanna Chaves e Larissa Manoela. Com milhares de fotos publicadas e milhões de seguidores que as acompanham diariamente, as fotografias disponibilizadas em seus perfis tornam-se manifestações da normatividade e erotização, que desconstruem suas imagens enquanto crianças e as colocam na posição de objetos a serem cobiçados, desejados e imitados. Acrescenta-se, ainda, a importância da interpretação do coletivo, que será demonstrada por meio de comentários nas fotografias e títulos de notícias envolvendo as três meninas, e que reiteram tal erotização. Para a fundamentação teórica do estudo, destacam-se as contribuições dos seguintes teóricos: Pierre Bourdieu (1999), Judith Butler (2010), Mary Del Priore (2010, 2013) e Rachel Moreno (2008).

Palavras-chave: Rede social. Infância. Gênero. Erotização. Adultização.

ABSTRACT

This article aims to discuss the process of eroticization of girls in the Instagram social network, taking into account the construction of female infancy and the influence of hegemonic discourses that define and stabilize gender and body. To do so, the study uses three profiles of the cited social network, belonging to three girls, aged 15 to 16 years, and who are known in the media: Vitória Moraes, Giovanna Chaves and Larissa Manoela. With thousands of published photos and millions of followers who accompany them daily, the photographs made available in their profiles become manifestations of normativity and erotization, which deconstruct their images as children and place them in the position of objects to be coveted, desired and imitated. It is also added the importance of the interpretation of the collective, which will be demonstrated through comments and news headlines involving the three girls, and which reiterate such erotization. For the theoretical basis of the study, the contributions of the following theorists stand out: Pierre Bourdieu (1999), Judith Butler (2010), Mary Del Priore (2010, 2013) and Rachel Moreno (2008).

Keywords: Social network. Childhood. Gender. Erotization. Adultization.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, acessar uma rede social é atividade corriqueira. É raro encontrar alguém que não faça uso das redes disponíveis no mundo virtual, onde é possível comunicar-se rapidamente e publicar fotografias, ideias, pensamentos, cotidiano. E esse universo compartilhado não faz distinção de idade ou intenções – desde que se tenham os meios necessários e conhecimento das funções e manejos, *qualquer um* pode se tornar membro e alcançar o que o meio virtual tem a oferecer. Contudo, nessa liberdade exercida a partir do “qualquer um”, apontam-se certas questões, sendo que o presente texto abordará uma entre as diversas possibilidades: será realizada uma aproximação com a infância que, enquanto processo cultural, modificou-se com o avanço tecnológico. E o “qualquer um” será um sujeito em especial: a menina que, em muitas situações, ao expor-se e ser exposta no virtual, é erotizada e deixa de ser vista como um sujeito infantil. Dessa forma, o estudo tem como temática a erotização da menina com base nos perfis, na rede social *Instagram*¹, pertencentes a três jovens com idades entre 15 e 16 anos² e popularidade³ na rede: *Giovanna Chaves*, *Vitória Moraes*⁴ e *Larissa Manoela*. O objetivo é problematizar a maneira como elas são interpretadas pelo coletivo, e as possíveis consequências ou influências decorrentes de tais interpretações. Para tanto, cabe esclarecer as associações entre desejo, erotização e o feminino, que advém das estabilizações da imagem da mulher na sociedade.

A estruturação do gênero feminino como um ser sensual, e que tem como uma de suas características a evidenciação dessa sensualidade, ocorre desde a infância num condicionamento que implica na adultização da menina. Aqui, a adultização será abordada por meio de uma breve contextualização histórico-cultural, discorrendo sobre o corpo e as demarcações de gênero a fim de fundamentar a posterior análise com base nos perfis das três garotas; seguindo para a explanação de elementos que as inserem no mundo adulto, tendo em vista o conteúdo das imagens disponibilizadas na rede; as apreensões pejorativas decorrentes da erotização e, por fim, a influência da construção adultizada de *Giovanna*, *Vitória* e *Larissa* em outras meninas.

Metodologicamente, os conceitos principais que fundamentarão a pesquisa serão infância e gênero, que, por sua vez, serão entrelaçados com normatividade, corpo e erotização. Baseando-se nos

¹ O *Instagram* é uma rede social a partir da qual se compartilham imagens.

² Para esse estudo, será levada em consideração a Convenção Mundial dos Direitos da Infância, determinada pela ONU/UNICEF e reconhecida pelo Brasil, que declara que são crianças todos os sujeitos menores de 18 anos.

³ A popularidade das três meninas escolhidas foi atribuída ao fato de que elas possuem mais de cinco milhões de seguidores no *Instagram*.

⁴ Em alguns momentos do trabalho, principalmente quando notícias a respeito das três meninas forem abordadas, *Vitória Moraes* poderá ser citada como “Viih Tube”, seu nome artístico.

métodos de Laurence Bardin (2011), o conteúdo dos perfis no *Instagram* será analisado e categorizado de acordo com os conceitos estudados. E, com o propósito de corroborar a temática do trabalho, serão apresentados comentários selecionados e publicados por usuários nas fotografias dos perfis, além de reportagens disponibilizadas na *web* que irão reforçar a imagem produzida e fixada das meninas. A elaboração de argumentos contará com estudiosos que explanam os conceitos elencados: Judith Butler (2010), Pierre Bourdieu (1999), Mary Del Priore (2010, 2013), Rachel Moreno (2008) e Manuel Castells (2008). No suporte dessa fundamentação teórica, será desenvolvida a seguinte questão norteadora: *de que modo os três perfis escolhidos na rede social Instagram revelam-se enquanto manifestações da erotização da menina?* Nisso, destaca-se a palavra “manifestações”, uma vez que os perfis e a análise terão como finalidade asseverar que a interpretação que o público faz da exposição dessas meninas é resultante de construções presentes na sociedade, e que não surgiram, simplesmente, da expansão das redes sociais. Tais construções têm base histórica e cultural, e geram consequências para os milhões que consomem, diariamente, o conteúdo publicado pelos perfis e pela mídia.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para analisar os perfis, torna-se imprescindível aproximar-se das particularidades que, no decorrer de uma estruturação histórico-cultural, produziram a ideia regulada que se tem da menina na contemporaneidade brasileira. Na formação da infância feminina e nas apreensões sobre corpo, beleza e comportamento da mulher, serão organizadas reflexões para respaldar as considerações referentes às imagens e apropriações de *Giovanna, Vitória e Larissa*.

2.1 O NEBULOSO UNIVERSO DA INFÂNCIA DA MENINA

A infância é inocência, é fragilidade, é proteção. Também é uma etapa biológica, parte do processo de crescimento do ser humano. A infância envolve todas essas designações e, ao mesmo tempo, mostra-se como algo completamente diferente. Numa perspectiva geral, a palavra “criança” pode remeter a um conjunto de características que a universalizam, como se a infância fosse demarcada e definida pelos mesmos atributos – unificando todas as crianças num mesmo grupo homogêneo. No entanto, cabe lembrar que, geralmente, a criança é interpretada a partir dos olhares dos adultos, o que pode promover, tanto no Brasil quanto no mundo, disparidades entre o cotidiano no qual a criança está inserida e o cotidiano que foi inicialmente idealizado. Para Del Priore (2010, p. 8), “[...] as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, para o ensino, para o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente a ela está associada: do riso e da brincadeira”, por

isso, entre idealizações e transformações, é possível afirmar que a infância é uma construção que está vinculada ao contexto histórico-social, sendo marcada por subjetividades e particularidades culturais, as quais devem ser discutidas a fim de revelar as multiplicidades presentes na abordagem da infância. No presente trabalho, as particularidades irão se referir à discussão da questão do gênero, voltando-se para o feminino, e como são expressas as influências e consequências das estabilizações da menina. Observa-se, afinal, que meninas e meninos não são compreendidos de igual modo; cada gênero é guiado por diretrizes, que são instituídas para fixar significações à “menina” e ao “menino” – aqui entendidos praticamente como entidades essenciais, dois rótulos idealizados que serviriam de suporte para todas as crianças. Segundo Moreno (2008, p. 31, grifos da autora),

A criança nasce num mundo em que percebe a presença de outros seres, já com códigos e valores estabelecidos, e a necessidade de ser aceita para sobreviver. Aos poucos, vai descobrindo, decodificando e reproduzindo esses códigos e valores, tentando construir seu *eu social*, seu *pertencimento global*. Para isso, observa o mundo ao redor, percebe o que se faz, o que é – e não é – aceito e valorizado, aprende a decodificá-lo, conhecer seus valores e portar-se em conformidade com isso. Aprende a sorrir, a seduzir, a se expressar e se comportar conforme os padrões exigidos e valorizados em seu meio.

Percebe-se que, para fazer parte do grupo e ser aprovado pelo coletivo, o sujeito, desde a infância, aprende os códigos que objetivam adequá-lo e integrá-lo aos preceitos que regem a sociedade da qual ele faz parte. E as diretrizes a serem ensinadas e reproduzidas se baseiam num processo histórico que, gradualmente, construiu uma ideia específica da menina – o que ela deveria ser, o que ambicionar, como deveria parecer e como se comportar. Numa concepção compreendida como tradicional, exigiu-se da menina a execução de um papel identificado por regras, valores e aspectos particulares, resultando na vivência de um cotidiano que era diferente do menino. Para ela, havia uma classificação que traçava seu destino e que estava ligada aos homens de sua família: inicialmente era filha, posteriormente tornava-se esposa e mãe e, finalmente, viúva. Historicamente, levando em conta o contexto brasileiro, no século XIX aponta-se que tanto o Estado quanto a Igreja difundiam compreensões inerentes do feminino, e que se alicerçavam na permanência no espaço privado e na obediência aos membros masculinos da família. Nas palavras de Del Priore (2013, p. 19), “a maior parte das meninas não aprendia a ler. Passavam a meninice entre o oratório e a esteira. Ensinavam-lhe a fazer rendas, bordado e costura. Esperava-se que fossem incultas, piedosas, prisioneiras da casa.”

Tal perspectiva perdurou, o que acarretou no silenciamento da mulher enquanto sujeito, sendo que as características afiliadas à menina não foram confinadas num único contexto temporal, visto que, por vários séculos, a infância feminina foi delimitada a partir da consciência de uma missão

primordial – o casamento. Cada atitude, detalhe da aparência ou interação, deveria ser pontuada pelo objetivo de conquistar um homem. Por isso, verifica-se que a vida da mulher era marcada por relações sequenciais de dependência, nas quais ela era submetida – e interpretada – de acordo com a vontade do masculino. A menina era invisível e passiva, sem ser um indivíduo dotado de identidade, e era voltada para o cumprimento das diretrizes que lhe eram impostas. De fato, mesmo na alcunha “menina” nota-se a diferenciação, já que, ao passo em que “criança” e “menino” já faziam parte dos dicionários desde 1830, “menina” era primeiramente um termo carinhoso e apenas posteriormente passou a se referir ao feminino no período da infância (DEL PRIORE, 2010).

Observa-se que a infância da menina, por muito tempo, foi compreendida como uma etapa de preparação: dela esperavam-se comportamentos e desejos pré-concebidos. Não uma aventureira ou uma heroína, mas alguém que era dependente e condicionada pelos julgamentos do corpo social. E na contemporaneidade, embora haja mudanças, evidenciamos a permanência dos olhares tradicionais, que intervêm no modo que a menina é compreendida. A menina vista hoje numa fotografia em rede social, que é comentada e compartilhada, que vira notícia e é divulgada, está vinculada às ações e diretrizes sociais desenvolvidas no decorrer de tal condicionamento. Essas considerações são corroboradas pela noção de que a sociedade tem uma constituição patriarcal, que alia as questões de gênero a diversos aspectos de sua estrutura, tanto cultural quanto institucional (STEARNS, 2007).

No que se refere à ação das redes sociais, entre as quais se destaca o *Instagram*, é necessário, primeiramente, discorrer sobre a influência das transformações tecnológicas para a infância. Conforme Postman (1999), há conexões entre essas mudanças e a compreensão da infância contemporânea, sendo que o autor traz o exemplo da televisão, que teria afetado as fronteiras entre o mundo adulto e o mundo infantil, ao facilitar o acesso da criança a informações que, anteriormente, só poderiam ser alcançadas mediante a acumulação de experiência. Como a televisão não requisita exigências específicas na exposição das imagens, basta que a criança se sente diante da tela para absorver o que é transmitido. Contudo, no século XXI, a tela da televisão perdeu destaque em comparação com outras telas: dos computadores, dos celulares e dos tablets. No acesso à internet e em suas facilidades, as crianças não são mais somente espectadoras, mas também protagonistas no cenário midiático, mediante participação e produção de conteúdo através de plataformas como o *Youtube*⁵ ou nas redes sociais, como o *Facebook*⁶ e o *Instagram*.

⁵ Plataforma que viabiliza a publicação e compartilhamento de vídeos.

⁶ Rede social lançada em 2004. Permite publicação e compartilhamento de imagens, vídeos, textos e reportagens, além de troca de mensagens, entre outras ferramentas disponíveis.

Na consolidação e expansão das redes, e na possibilidade de acessar inúmeras informações e conteúdos, a estabilização feminina continua e, em alguns aspectos, tem-se agravantes. Por exemplo, é facilitada a propagação de imagens⁷ que promovem a erotização de meninas, e que reforçam a ideia de que o feminino, independente da idade, deve ser relacionado ao desejo e à objetificação. Assim, considera-se que a mídia assume “[...] um papel ideológico nas tramas sociais, atuando, estrategicamente, como agentes de socialização tão influentes quanto a família, a escola, a igreja, entre outros, nos processos de construção da consciência e das identidades individuais.” (LISBOA; SILVA; REZENDE, 2015, p. 91). Ou seja, a importância da mídia deve ser ponderada na problematização das infâncias e na discussão a respeito de como meninas, representadas aqui por aquelas que têm significativa exposição midiática, estão sendo julgadas pelo coletivo.

2.2 GÊNERO E CORPO

No oceano de imagens publicadas nas redes sociais, não é difícil encontrar o registro do corpo feminino: mulheres que publicam seus corpos revelados por biquínis, fotografias em poses calculadas para mostrar peças de vestuário, imagens que expõem a magreza, o bronzeado, suas formas e contornos – e que podem passar por retoques ou filtros⁸ para conseguir *likes*⁹. Há ainda aqueles registros que têm o propósito de debater e questionar, ao mostrar corpos que fogem da normatividade e que estão livres dos retoques. Entretanto, de qualquer modo, as redes sociais estão permeadas por corpos femininos – e não apenas de mulheres, mas de meninas. Meninas que se apresentam em poses e roupas, que recebem comentários e cujas imagens são consumidas e compartilhadas por *qualquer um* que tenha o acesso.

As três meninas escolhidas e elencadas na introdução encontram-se num caso de superexposição, por conta da quantidade de seguidores que acompanham as publicações de seus perfis e do interesse midiático que despertam. Várias das imagens de *Giovanna*, *Vitória* e *Larissa* apresentam as garotas em trajes de banho, roupas reveladoras e poses sensuais, denunciando a erotização que, aliada às formas como tais registros são interpretados, se entrelaça com a fixação do corpo da mulher e a normatividade a ele imposta. Como a infância e o gênero, a normatividade corporal também é uma construção proveniente de um processo cultural constituído por diversas etapas: os cabelos compridos e a pele azeitonada do

⁷ Assunto abordado na reportagem “Efeitos da hipersexualização: meninas transformadas em ‘Lolitas’”. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/30/cultura/1496151116_106223.html>. Acesso em: 5 jun. 2018.

⁸ Efeitos que controlam a tabela de cores da fotografia, além de luz, sombras, entre outras possibilidades. O *Instagram* disponibiliza diversos filtros prontos para serem aplicados na imagem.

⁹ Ferramenta disponível no *Instagram* que permite ao usuário aprovar publicamente a imagem de outro usuário.

século XVI; as nádegas avantajadas do século XVIII; o corpo em forma de ampulheta no século XIX; a expansão e consolidação da magreza no século XX (DEL PRIORE, 2013). Portanto, o padrão normativo na contemporaneidade é decorrente de transformações e influências, considerando que o corpo é produzido mediante uma série de mensagens e discursos culturais, que o regulam e o significam dentro do coletivo. (BUTLER, 2010).

Por isso, apontam-se os vínculos entre o corpo e gênero, por serem concepções associadas ao desenvolvimento cultural do grupo. A forma como são compreendidos e representados não é um fenômeno espontâneo, resultado das escolhas particulares do indivíduo – estando esse sujeito inserido na coletividade, suas ações e julgamentos são condicionados aos valores, ideologias e aprendizados obtidos no decorrer de sua existência. À vista disso, o corpo, como ele é exposto e visto, tanto pelo público quanto pelo indivíduo, exprime uma íntima relação com a cultura. De acordo com Santos (2003, p. 117),

As sociedades, como é bem sabido, desenvolvem um saber sobre o corpo que serve de orientação para seus membros, para as relações que mantêm consigo próprios e para as relações que eles mantêm com os outros. [...] Assim é a maneira como ele é escondido e o valor que é concedido a cada parte, as capacidades que possui e o significado que pode ter, o como é experimentado e como são reguladas as relações com os dos outros membros, são uns poucos exemplos das formas segundo as quais cada sociedade produz um conhecimento singular sobre o corpo e sobre seus usos.

E o gênero é fundamental na construção e significação dos corpos, definindo-se como uma categoria que regula os espaços, uma vez que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2010, p. 59). E, desde a infância, a menina é inserida nesse contexto regulador, por estar rodeada por diretrizes que a colocam na posição subordinada e que conduzem seu comportamento e sua aparência, de maneira que tal posição é internalizada e compreendida como uma verdade absoluta – sendo reiterada pelo grupo por diversos meios, entre os quais está a mídia. Afinal, no panorama contemporâneo de superexposição, no qual diariamente são registrados e compartilhados os momentos do cotidiano, o acesso e impacto das influências acabam se tornando mais poderosos.

Constata-se que, nas manifestações midiáticas e no julgamento do público, para as meninas e mulheres a busca pelo corpo ideal é reiterada no bombardear de informações, principalmente porque “os meios de comunicação, com todos os seus desdobramentos, constituem-se como um importante campo de produção de conhecimento e, por esse motivo, mantêm e reproduzem convenções sociais sobre feminilidades e masculinidades.” (LISBOA; SILVA; REZENDE, 2015, p. 92). E na reprodução dessas

convenções, averigua-se o impulso para que ocorra uma adultização de meninas, por estas serem instigadas a participarem desse mundo adulto de imagens e exibição, e serem expostas aos ideais regulatórios que impõe um determinado corpo e uma maneira específica de externar o gênero feminino – num efeito que é potencializado se a menina tem importância midiática. Aqui, tratamos de casos distintos: meninas que, entre quinze e dezesseis anos, estão expostas a milhões de olhares que espreitam cada passo, comentando seus aumentos e diminuições de peso, suas atitudes, relacionamentos, poses e expressões. As opiniões acerca dessas meninas são declaradas em reportagens e, principalmente, em comentários de usuários das redes sociais que, por serem dispersos e numerosos, não podem ser policiados integralmente.

Nas palavras de Moreno (2008, p. 32), “a civilização é uma instância poderosa de canalização e educação do desejo, de maneira a orientar e auxiliar cada qual a perceber o que é desejável (isto é, o que é permitido desejar) e o que é indesejável (o que é proibido desejar)”. E nessa separação entre desejável e indesejável, as meninas se deparam com a obrigação de estarem inseridas no padrão, lembrando que a padronização não se limita a forma do corpo, abrangendo o modo como ele é exibido ao público. Quando exposto do jeito “correto” os comentários serão de admiração e desejo – daqueles que desejam ser como elas, ou daqueles que desejam os corpos sujeitados ao público. Em ambos os casos, destaca-se a construção da mulher, de seu corpo e de sua conduta a partir do olhar do outro que,

[...] constitui as mulheres como objeto simbólico, cujo ser (*esse*) é um ser-percebido (*percipi*) que tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis (BOURDIEU, 1999, p. 82, grifos do autor).

No que diz respeito à admiração, lembra-se que, entre os milhões de seguidores das personalidades abordadas, há inúmeras meninas que veem nos corpos retratados exemplos a serem seguidos, promovendo o anseio de inserir-se na normatização do feminino, ao imitar roupas e maquiagens, comprar os produtos anunciados ou repetir as poses. Nessa apropriação, é provável que haja a associação entre o sucesso, a admiração e a aceitação, que são vinculados ao número de seguidores, *likes* e comentários. Ao almejar não apenas o corpo e a aparência, mas a riqueza e o sucesso anunciado pela aprovação do coletivo, as meninas que são atingidas diariamente pelas imagens nos três perfis podem entender e reforçar a existência da normatização como uma via de acesso para o sucesso, uma vez que a celebridade se tornou um ideal de existência (TOMAZ, 2016). E esta se configura enquanto uma das consequências da ação da padronização, pois se averigua nas medidas, no cabelo, na pele e em cada centímetro e parte

do corpo feminino, a perpetuação das inscrições normativas e que colocam a mulher, ainda menina, num espaço limitado,

Como se a feminilidade se medisse pela arte de 'se fazer pequena' [...], mantendo as mulheres encerradas em uma espécie de *cercos invisíveis* (do qual o véu não é mais que a manifestação visível), limitando o território deixado aos movimentos e aos deslocamentos de seu corpo [...] (BOURDIEU, 1999, p. 39, grifo do autor).

Todavia, quando são citados os comentários que denotam o desejo, não no sentido da vontade de parecer-se com aquele corpo, mas sim de cobiçá-lo por conta da atração, registra-se a ocorrência de uma violência. Ao não limitar ou regular o acesso às imagens publicadas dessas meninas, dá-se abertura para a manifestação daqueles que anseiam pelos seus corpos, sem considerá-los infantis e colocando-os na posição de objeto sexual. E a objetificação não foi verificada somente nos comentários, como também na forma que as meninas são expostas pela mídia. Observa-se a ação do "cercos invisíveis", já que uma imagem publicada não é apenas imagem: ela traz representações e inscrições conectadas ao que foi estabelecido e perpetuado, e cada compartilhar e interpretar dessas imagens são marcas indicativas dos preceitos que norteiam o corpo social.

3 METODOLOGIA

Na investigação dos três perfis, na rede social *Instagram*, foi utilizada como abordagem metodológica a *análise de conteúdo*, a partir da técnica da *análise categorial*, que "funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categoria segundo reagrupamentos analógicos." (BARDIN, 2011, p. 200). Na etapa da pré-análise, inicialmente, foram organizados os dados de cada perfil, identificando as meninas, suas idades, ocupações e informações acerca de seus números na rede social, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Informações sobre as três meninas e seus perfis na rede social Instagram¹⁰

Nome Artístico	Idade	Ocupação	Fama	Perfil	N. de seguidores	N. de fotografias
Giovanna Chaves	15 anos	Cantora e atriz	Tornou-se conhecida pela participação na novela "Cúmplices de um Resgate", de 2015.	@giovannachavesoficial	5,2 milhões	1.011 imagens
Vitória Moraes	16 anos	Youtuber e atriz	A partir de 2014, começou a publicar vídeos que mostravam sua rotina.	@viihtube	5,4 milhões	1.515 imagens
Larissa Manoela	16 anos	Atriz e cantora	Tornou-se conhecida pela participação na novela "Carrossel", de 2012 e, posteriormente, em "Cúmplices de um Resgate", de 2015.	@larissamanoela	10,5 milhões	1.865 imagens

Fonte: elaborado pela autora (2017)

Na segunda etapa, designada pela exploração do material, características das imagens dos perfis foram registradas, buscando identificar relações e pontos em comum entre o conjunto de fotografias exposto por *Giovanna*, *Vitória* e *Larissa*. A categorização que orientou a interpretação das imagens visualizadas é baseada nos seguintes conceitos: *superexposição*, *erotização* e *ostentação*, com o objetivo de demonstrar como tais características manifestam-se nos perfis e, posteriormente, nos comentários realizados por usuários nas fotografias, estabilizando e reproduzindo diretrizes de gênero.

¹⁰ Os dados quantitativos apresentados no Quadro 1 foram registrados no dia 19 de julho de 2017.

Na observação das imagens, aliada aos comentários de usuários e, em segundo plano, respaldada pela apropriação da mídia, apontou-se a recorrência das três categorias elencadas: a *superexposição* pela presença majoritária de *selfies*¹¹ ou imagens nas quais aparece apenas a menina; a *erotização* a partir das imagens em poses sensuais, com roupas curtas, biquínis e maquiagem; e a *ostentação* associada à exibição de uma vida de roupas caras, luxos e viagens. Levando em conta essas categorias e na abordagem propiciada pela metodologia, foi possível estabelecer uma linha de investigação que destacasse as fotografias e os comentários que, de fato, expressariam a normatividade do gênero e do corpo, e os efeitos da adultização da menina. O mesmo se fez com as reportagens, que foram escolhidas após a averiguação dos perfis no *Instagram*, como meio de corroborar os comentários feitos nas fotografias compartilhadas por *Giovanna, Vitória e Larissa*.

Nos entrelaçamentos entre a teoria, o conteúdo dos perfis, os comentários e na escolha de determinadas reportagens, percebe-se que “os relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo” (CASTELLS, 2008, p.169). Reconhece-se que, apesar de o foco ser as três meninas, as reflexões a serem realizadas não se restringem a elas, uma vez que *Giovanna, Vitória e Larissa*, pelo alcance midiático, acabam sendo representativas da imagem da menina da contemporaneidade, enfatizando que “[...] o melhor papel no contemporâneo é o de si mesmo. Mas não aquele *eu* íntimo, escondido em uma interioridade que precisa ser constantemente desvelada, e sim um *eu* que se constitui enquanto *performatizado*” (TOMAZ, 2016, p. 11, grifo da autora). As redes sociais mostram momentos do cotidiano, como se a privacidade daquelas meninas estivesse disponibilizada para todo o público, e com isso, nessa intimidade fabricada, tem-se protagonistas que, supostamente, seriam acessíveis para qualquer um – seja para serem imitadas, desejadas ou para terem suas imagens interpretadas livremente pela mídia.

4 UM EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO

Ana¹² tem 15 anos de idade e está mexendo em seu celular. Ela passa horas olhando vídeos e visitando os perfis de suas artistas favoritas. Nesse momento, Ana está checando o perfil no *Instagram* de uma das artistas que segue diariamente – uma menina com a mesma idade que a dela. Com longos cabelos loiros, a garota exhibe roupas, comidas, biquínis, óculos, viagens e incontáveis elogios. Parece ser

¹¹ Referente a um autorretrato que é divulgado na internet.

¹² Nome e situação fictícios, com objetivo de ilustração da realidade.

uma vida muito divertida. Ana imagina que, se deixar seu perfil parecido com o dessa menina, sua vida ficará tão incrível quanto. Então, ela escolhe seu biquíni mais bonito, vai para o quintal, apóia o celular numa cadeira, programa o temporizador, corre e finge mandar um beijinho para a câmera. A foto é tirada e Ana a publica logo depois. Ansiosa, espera alguns minutos... E, conforme os *likes* vão aparecendo, ela vai ficando cada vez mais eufórica. Entretanto, os comentários a decepcionam: eles falam que seu corpo não é bonito, nem seus cabelos, pele ou olhos. Que lhe falta volume nos seios e coxas, o que a faz parecer jovem demais e, por isso, indigna de maiores atenções ou elogios.

O caso acima é puramente hipotético, mas não irreal. Existem várias Anas que, ao verem suas artistas e segui-las 24 horas por dia, imaginam-se vivendo aquilo que observam nas telas e, por consequência, deparam-se com a realidade que impõe a elas normas que regulam suas aparências e modos de vida. Tal realidade é o resultado do controle que uma forma de viver o gênero impele sobre os sujeitos, provocando reações desde a infância e implicando na produção do “[...] artefato social que é o homem viril ou a mulher feminina” (BOURDIEU, 1999, p. 16). Porém, o que seria uma “mulher feminina” atualmente? E, vinculando-se a isso, quais características *Giovanna, Larissa e Vitória* expõem em suas imagens, compartilhadas e acessadas por milhões de fãs?

Conforme Postman (1999), as crianças começam a assistir televisão com atenção a partir dos três anos de idade, período no qual estipulam suas preferências na programação. Ou seja, desde cedo, o sujeito infantil fica consciente de suas particularidades e predileções. As crianças inscritas em rede social (aqui, referindo-se às meninas), seguem, apreciam e publicam conteúdos resultantes de um conjunto de influências que definem um modo de “ser” e que, por sua vez, levam a questionamentos que conectam gênero e identidade: “em que medida é a ‘identidade’ um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade?” (BUTLER, 2010, p. 38). O discurso da composição do feminino pode relacionar-se à beleza física, sexo, delicadeza e fragilidade – a mulher, portanto, destituída de identidade como um objeto a ser admirado e desejado. Nisso, acontece uma estabilização da imagem do feminino, inserindo-o numa perspectiva dominante decorrente do fato de que as identidades “[...] assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização” (CASTELLS, 2008, p. 23).

Giovanna, Vitória e Larissa são meninas que publicam frequentemente imagens de si mesmas, além de aparecerem na mídia de uma forma específica. Suas fotografias e como elas são entendidas pela mídia e pelo público acabam tornando-se reiterações da normatividade, que desassocia a menina do infantil e colocam-na em posição adultizada – que desperta cobiça, que é erotizada e que se transforma,

praticamente, em algo comerciável. Nessa atenção midiática, *Giovanna, Vitória e Larissa* não são mais apenas crianças, mas artistas que estão inseridas num mundo de celebridades. Para manterem-se sob os holofotes, elas devem ser lembradas, e um dos métodos é publicar fotografias todos os dias. Isso faz com que seus seguidores repetidamente se deparem com seus rostos, corpos e a vida que elas (e aqueles que administram suas páginas) desejam mostrar... Rostos, corpos e vidas que são ambicionados e consumidos,

Em outras palavras, os atos, os gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora (BUTLER, 2010, p. 195).

Os três perfis escolhidos pertencem a meninas diferentes. Ainda que tenham pontos em comum – serem celebridades e idades aproximadas, por exemplo –, elas possuem elementos particulares, têm vontades e sonhos que as constituem enquanto sujeitos. Entretanto, nas imagens publicadas, aponta-se um vínculo que as coloca num mesmo lugar, descaracterizando-as como indivíduos e tornando-as simplesmente corpos e rostos. Elas representam, principalmente, dois atributos tradicionalmente ligados à mulher: a beleza e a necessidade do relacionamento com o sexo oposto.

No primeiro caso, temos a beleza hegemônica expressa nas fotografias: corpos magros, pele branca e sem marcas, cabelos lisos. Todavia, ainda que façam parte do padrão socialmente construído, as três meninas vivem a opressão conectada ao fato de que, em nenhum momento, lhes é dada a permissão de não corresponder às expectativas. Por exemplo: *Vitória, Giovanna e Larissa* não teriam a possibilidade de publicar uma fotografia na qual aparecessem com acne, porque seriam julgadas e criticadas pela aparência que não estaria mais em total conformidade com o que foi mostrado nas imagens anteriores. A maximização de algo tão insignificante – como é uma espinha – está associada ao discurso de que “[...] cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual. É o culto ao corpo na religião do indivíduo, em que cada um é simultaneamente adorador e adorador” (DEL PRIORE, 2013, p. 240). Ademais, há a questão que inclui as motivações para que as imagens sejam disponibilizadas; na ambição de alcançar essa felicidade individual, tem-se a ação de positivar o conteúdo publicado. Por exemplo, na observação e investigação dos perfis, percebeu-se que quando uma das meninas coloca uma imagem mostrando o corpo, ela consegue mais *likes* e comentários do que em outras fotografias. Há nisso um reforço para que elas permaneçam se expondo – assim, sua presença midiática se intensifica e o número de seguidores se expande, ressaltando que ser famosa é ser visível, e o esquecimento equivaleria ao fim das possibilidades advindas pela fama. (TOMAZ, 2016).

Os envolvimento românticos também devem ser levados em consideração. Nesse caso, especificamente, tem-se *Larissa Manoela*, que é conhecida por seus relacionamentos. Sempre que ela inicia um namoro, são inúmeros os comentários que surgem pela web, alguns dos quais são feitos por pessoas conhecidas entre o público, alcançando maior repercussão e auxiliando na estabilização da jovem. Toma-se como exemplo o comediante Whindersson Nunes¹³, que publicou comentário em rede social a respeito do namoro assumido por *Larissa Manoela* após ela disponibilizar uma fotografia no *Instagram*:

Figura 1 – Comentário feito por Whindersson Nunes na rede social Twitter



Fonte: retirado da Internet¹⁴

Aqui, observa-se a quantidade de comentários, que ressaltam o fato de que o público interpreta *Larissa* sob um olhar unidimensional, atribuindo importância excessiva ao relacionamento da jovem. Isso acontece porque a mulher encontra-se ainda em um “confinamento simbólico” (BOURDIEU, 1999), representado pelas regras que inserem o corpo feminino numa ordem e o vinculam a imagens como “fácil” e “promíscua”. Esses elementos instituem uma identidade legitimadora, que, de acordo com Castells (2008), encontra nas instituições dominantes uma forma de expandir e consolidar a dominação sobre os sujeitos. *Vitória*, *Giovanna* e *Larissa* foram confinadas em identidades pré-concebidas, reproduzindo-as e legitimando-as para outras inúmeras meninas, que veem nelas fonte de inspiração, admiração e

¹³ É um *youtuber*, comediante e cantor brasileiro de 23 anos. Conforme registro realizado no dia 28 de fevereiro de 2018, Nunes é o brasileiro com maior quantidade de inscritos em um canal do Youtube, ultrapassando o número de 27 milhões.

¹⁴ Acesso em: <<https://twitter.com/whindersson>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

sucesso. Porém, destaca-se: o ato de reproduzir é decorrente da internalização do discurso impellido pela sociedade.

Então, com o objetivo de completar o que foi discutido acerca da reiteração da identidade, estabilização de imagem e a ação da normatividade, expõem-se notícias referentes às três meninas. Em seus títulos, visualiza-se a apropriação do público e da mídia que, sem focar-se no trabalho realizado pelas garotas, explora o corpo e aparência, e executa julgamentos de ações e conduta:

- *Mudança de Larissa Manoela nos últimos anos choca fãs nas redes sociais*¹⁵;
- Larissa Manoela volta a ser assunto por foto de biquíni¹⁶;
- Viih Tube: cinco polêmicas envolvendo a influenciadora que todo mundo comentou!¹⁷;
- Make, cabelo e pele: os segredos de beleza da Giovanna Chaves¹⁸.

Na notícia que cita *Larissa Manoela* e uma foto de biquíni, torna-se necessária maior explanação: a fotografia em questão foi publicada no *Instagram* no dia 16 de julho de 2017 e conta com milhares de comentários, entre os quais estão aqueles de conteúdo sexual e violento. Na verdade, comentários dessa natureza foram encontrados em fotografias das três meninas, como é possível constatar na coletânea de exemplos trazidos abaixo:



¹⁵ Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/gente,mudanca-de-larissa-manoela-nos-ultimos-anos-choca-fas-nas-redes-sociais,70001676966>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

¹⁶ Disponível em: <http://www.purepeople.com.br/noticia/fas-de-larissa-manoela-analisam-foto-de-biquini-da-atriz-nao-e-silicone_a185727/1>. Acesso em: 19 jul. 2017.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.purebreak.com.br/noticias/viih-tube-5-polemicas-envolvendo-a-influenciadora-que-todo-mundo-comentou/47400>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

¹⁸ Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/beleza/make-cabelo-e-pele-os-segredos-de-beleza-da-giovanna-chaves/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

Figura 2 – Comentários violentos selecionados a partir dos três perfis de *Instagram* investigados

-  **brenohsbrito** Quando tiver 18 vai fazer playboy?
17w 4 curtidas Responder
-  **jaum_sal** Peitao gostosa
20w Responder
-  **mikaelcrybaby.chaves** yummy boobs
-  **teixeira4730** isso se chama fogo no rabo ou na tcheca
2w 2 curtidas Responder
-  **teixeira4730** isso se chama fogo no rabo
2w Responder
-  **teixeira4730** ou na tcheca
2w Responder
-  **sinayhenrique** Rabetão grandao
25min Responder
-  **guisilva490** Vai ser uma grande estrela...Pornô
5h 2 curtidas Responder
-  **queirozpaula144** Linda
5h Responder
-  **guisilva490** Vagaba mirim
5h Responder
-  **israelmill** mds senta aqui kkkk
5d 1 curtiu Responder
-  **israelmill** cu top kkkkk
5d 1 curtiu Responder

Fonte: <https://www.instagram.com/>

Os comentários foram feitos por homens – ou, pelo menos, perfis que atendiam por nomes ou imagens tradicionalmente masculinos. A publicação de designações pejorativas tais como “rabetão” e “vagaba” permitem a observação de três fatores em especial: primeiro, a consolidação da interpretação violenta que o coletivo faz de três meninas menores de idade, visualizando-as como objetos de desejo e negando-as enquanto crianças. Em segundo, têm-se as imagens das quais os comentários foram retirados: cada uma delas expunha a menina em biquínis ou poses sensuais, evidenciando partes do corpo. Tal conteúdo corrobora a ideia trabalhada de que a normatividade está tão inserida entre as mulheres, sendo fortificada desde a infância, que *Giovanna*, *Vitória* e *Larissa* internalizaram os discursos referentes ao corpo, sensualidade e construção do feminino, materializando estes discursos na forma de fotografias que as adultizam. E, por fim, tem-se a ação da suposta liberdade: o “qualquer um” abordado na introdução ultrapassa os limites de idade, e abrange os sujeitos que acreditam que a tela do computador equivale a uma proteção impenetrável, que os torna invisíveis e permite-lhes assediar menores de idade sem qualquer tipo de punição.

Há, além destes, outros comentários que chamam a atenção. São aqueles feitos por meninas, como a Ana da situação hipotética descrita anteriormente. Trata-se de jovens que seguem os perfis e, ao ver as fotografias publicadas, sentem-se insatisfeitas consigo mesmas, ambicionando a aparência alheia:

Figura 3 – Comentários feitos por meninas nos perfis investigados



Fonte: <https://www.instagram.com/>

Como podemos notar, as meninas dos comentários destacados trazem a insatisfação por não se parecerem com as jovens investigadas, ou seja: por não estarem inseridas no padrão normativo que institui a beleza física do feminino. O desgosto para com o próprio corpo pode manifestar-se de forma violenta, como no caso do comentário “[...] só entro aqui pra me cortar”, ou de maneira mais sutil, como a menina que alegou que, embora tenha vontade de usar uma franja, não o faz porque não ficaria tão “bem” esteticamente quanto a celebridade. Nessas comparações que essas meninas fazem entre si mesmas e as celebridades, elabora-se a seguinte reflexão:

A probabilidade de vivenciar com desagrado o próprio corpo (forma característica da experiência do ‘corpo alienado’), o mal-estar, a timidez ou a vergonha são tanto mais fortes quando maior a desproporção entre o corpo socialmente exigido e a relação prática com o próprio corpo imposta pelos olhares e as reações dos outros (BOURDIEU, 1999, p. 81).

Colocando-se em poses sensuais e ostentando presentes, viagens e objetos de marcas famosas, tornando-se centro de polêmicas envolvendo relacionamentos, tendo seus corpos erotizados, consumidos e desejados, percebe-se que a sociedade acaba por deixar em plano secundário a infância. Afinal, *Vitória*, *Giovanna* e *Larissa* são tratadas não como meninas, mas como mulheres – numa imagem que é reforçada pelo modo como aparecem na mídia e são compreendidas pelo coletivo. As publicações no *Instagram* constituem um meio de materialização dessa abordagem adultizada e que reproduz a associação do feminino à perspectiva patriarcal: a mulher como objeto de desejo. Os comentários feitos nas fotografias, aliados às reportagens elencadas, confirmam essa percepção e, por consequência, o corpo social faz com que a adultização da menina pareça “[...] estar na ‘ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável [...]” (BOURDIEU, 1999, p. 17). Desde a infância, explora-se a sensualidade através de uma criança que está em um ambiente adulto, com compromissos, ganhos materiais e exposição que não condizem com o habitual de sua faixa etária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Giovanna, *Vitória* e *Larissa* são crianças que têm entre seus seguidores, majoritariamente, crianças. Várias meninas desejam ser como elas, o que as tornam exemplos a serem imitados, e faz com que os tópicos elencados acima (superexposição, erotização e ostentação) sejam reproduzidos em ampla escala. Em função disso, a representação da infância feminina de forma adultizada, ao invés de ser vista com estranheza e atenção, é encarada como um fenômeno corriqueiro. Nesse cenário, verifica-se como o gênero delimita a mulher, governando-a segundo uma realidade e um contexto, ainda que “se

alguém 'é' uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é [...]". (BUTLER, 2010, p. 20). Contudo, nas estruturas reguladoras que objetivam tornar o sujeito viável para a sociedade e que se inicia na infância, aponta-se o condicionamento que instiga a menina a acreditar que um determinado corpo, roupa, comportamento e exposição são os ideais para alcançar a aprovação social. E, quando não acredita estar em conformidade com as diretrizes, essa menina fica insatisfeita, podendo vir a rejeitar a própria aparência.

Esclarece-se que não é possível generalizar. A infância e o gênero são marcados pela pluralidade – e não é por conta da fama e alcance de *Vitória, Larissa e Giovanna* que todas aquelas que as acompanham estarão condenadas a reproduzir o que veem nas telas, ressaltando que o discurso hegemônico não terá o mesmo efeito sobre todos os sujeitos. Sublinha-se, nas palavras de Moreno (2008, p. 69), que se

Não fossem as brechas e contradições no interior do sistema, seríamos todas Barbies, aguardando modelos para vestir, namorar e ser, ou desesperadas por sê-lo – formas vazias da reconfiguração contínua de si, parecendo aceitar, dissolver e passar por todos os conteúdos.

Todavia, reforça-se que são inegáveis a influência e as representações expressas nas imagens, e como esta influência aparece nas interpretações da coletividade, de acordo com o que foi constatado nas notícias citadas e nos comentários expostos. A violência explicitada pelos comentários que degradam e objetificam fixa a visão dos corpos das meninas como produtos a serem admirados e consumidos, e instiga a ideia de que o assédio é algo que faz parte da coexistência social. Na aparente liberdade que o acesso virtual viabiliza aos sujeitos, os comentários são realizados sem que haja o temor de uma punição devido à criminalização do assédio sexual a crianças. Posto isto, *erotização, superexposição e ostentação* tornam-se marcadores de um discurso que molda e impõe, concluindo-se que as três jovens, suas fotografias compartilhadas, os comentários do público e as notícias a elas relacionadas são manifestações do obscurecimento da fronteira *adulto-criança* e da reiteração do feminino associado à sexualidade e aparência. Assim, num cenário onde praticamente tudo pode ser comercializado e consumido, diversas meninas acabam por se tornar produtos na prateleira.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 158 p.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 236 p.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 529 p.
- DEL PRIORE, M. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013. 303 p.
- DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. 445 p.
- LISBOA, W. T.; SILVA, T. J. da REZENDE, A. da S. B. Magia é de menina, aventura é de menino: os binarismos de gênero na infância pela perspectiva da indústria cultural. **Revista Vozes e Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 02, jul./dez. 2015, p. 86-98.
- MORENO, R. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Ágora, 2008. 79 p.
- POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Editora Graphia, 1999. 190 p.
- SANTOS, F. C. d. Revelações da carne: corpo e sexualidade nas redes sociotécnicas. In: LEMOS, André; CUNHA, P. (Org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 113-138.
- STEARNS, P. N. **História das relações de gênero**. São Paulo, SP: Contexto, 2007.
- TOMAZ, R. Youtube, infância e subjetividades: o caso Julia Silva. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Anais... XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016. 16 p.